

Quando fui morar em Vila Velha (Espírito Santo) arranjei uma casa nova que dava para um espaço amplo, apolado de relva, onde pastava o gado, o que causava a impressão do local ser uma fazenda do interior.

E completando a beleza do cenário, erguia-se ao fundo um gracioso perfil de serrania, conhecida pelo nome de Jaburuna, tendo na extrema direita um morro alto, sobre o qual está edificada o belo e original convento da Penha. Certa noite, Alceira, fatigadíssima com o trabalho doméstico, depois de me fazer companhia na varanda, recolheu-se mais cedo, deixando-me só.

E não tardou que a lua surgisse por trás do morro do convento, dando umas tonalidades místicas à paisagem campestre, cheia de paz e doçura.

Mas nesse momento bateu no portão um homem de estatura regular, meio gordo, e vestido com simplicidade e distinção. Não usava chapéu, e mostrava uma bela cabeleira branca, penteada para trás, parecendo um artista do tempo antigo.

Indo recebê-lo, percebi que o rosto, o porte e a fisionomia eram de alguém, que eu conhecia muito, mas que não me lembrava quem era. Ele percebeu esse esforço pesquisador mal disfarçado e esclareceu-me com essas palavras:

— "Meu amigo, eu sou Osvaldo Cruz!"

Uma bomba que tivesse rebentado aos meus pés não teria me surpreendido tanto e meu espanto ter-se-ia eternizado se o grande cientista não me acudisse com um sorriso indulgente e com essas tranquilizadoras palavras:

— "Compreendo a sua surpresa. Aqui estou para conversar consigo. Há muito prazer de parte à parte."

Então recuperando a calma, observei que os traços do rosto do ilustre higienista eram iguais ao retrato que, por ordem do Ministro da Guerra, foi colocado em todos os quartéis e repartições do Exército.

Também percebi a fita vermelha da Legião de Honra que o notável visitante trazia na lapela e da corrente do relógio pendia a medalha de ouro que ele havia recebido das mãos da Imperatriz Augusta da Alemanha.

Entramos e sentamos na varanda.

O notável higienista, depois de contemplar a bela paisagem enluarada, exclamou emocionado:

— "Que recanto pitoresco e aprazível! Aqui se pode recuperar as forças gastas no trabalho. E como ficou lindo e original o convento da Penha assim todo iluminado!"

Muito admirado perguntei: — "E quando foi que conheceu esse convento?"

— "Na minha viagem para o norte, quando fui dirigir o saneamento da região Madeira-Mamoré. O navio tocou em Vitória, proporcionando-me conhecer o mais belo monumento histórico da colonização portuguesa, no Brasil".

— "Ignorava, Dr. Osvaldo, esse detalhe. Só sabia que esse trabalho foi outra brilhante vitória de sua utilíssima existência. De 300 empregados da estrada de ferro Madeira-Mamoré que, anualmente, adoeciam de impaludismo, devido aos seus esforços, foram reduzidos a 30, ou seja uma diminuição de 90%."

— "Pelo que vejo, conhece bem a história de minha vida."

— "Toda vez que leio a sua biografia tenho orgulho em ser brasileiro".

O ilustre cientista replicou sorrindo:

— "Mas não era isso que dizem os meus contemporâneos. Da tribuna do mais alto órgão do Parlamento brasileiro fui chamado de maluco. Minha casa foi certa vez depredada por uma multidão enfurecida. E se não fosse a bondade de um vizinho, que me escondeu, teria sido linchado nessa ocasião. O povo, por ignorância e malícia, criava as maiores dificuldades para combater a epidemia crônica da febre amarela, que dizimava impunemente a população carioca. E os políticos, tirando partido da irritação popular, uniram-se a um grupinho de militares, sestionados pela teoria positivista de um salvador ditadura, tramaram contra a ordem pública, havendo um lamentável tumulto fratricida."

— "Mas, caro mestre, isso não é de causar admiração. Somente nesse país paradoxal, faz-se uma revolução contra as medidas de higiene do governo e se considera uma grave ofensa à liberdade, quando esta é arranhada por um estilete de vacina. E felizmente, para a honra das

- A VISITA DE UM ILUSTRE MÉDICO -

instituições republicanas, ocupava a presidência um homem da época do fio de barba", que lhe deu todo apoio moral e material, permitindo concluir uma tarefa, que tanto honra a medicina brasileira."

O grande higienista ouviu-me com agrado e acrescentou:

— "Mas, meu amigo, olhemos para a frente. Esses erros do passado não se repetem mais. Considere que já evoluímos muito. A medicina fez progressos surpreendentes. Hoje temos as sulfas, a penicilina, e as estreptomicinas. Há um grande número de laboratórios bem aparelhados. E o adiantamento da Ciência Médica já determinou a sua divisão em especialidades."

O nosso país também progrediu muito. Tem um Ministério da Saúde e o governo gasta somas enormes com o saneamento. E o Brasil, resolvendo o problema da saúde com os esplêndidos recursos da medicina, ficará habilitado a resolver também, os problemas econômicos, sociais e políticos."

E eu, fazendo um gesto de incredulidade, repliquei cortemente:

— "Caríssimo mestre, peço vênia para discordar. O Brasil é uma das sete maravilhas do mundo e o brasileiro, uma das sete pragas do Egito. Eis porque somos a terra das boas intenções e das péssimas realizações. Todos os nossos problemas ainda são resolvidos de acordo com o interesse dos políticos. Não se faz previsão de coisa alguma e ninguém procura continuar uma tarefa iniciada. Em todos os setores da administração, tudo está por se fazer. Na nossa terra, ninguém lê ou se preocupa com estatísticas. Na parte de saúde, que lhe interessa, aí estão os algemados na estrada e nos colossais estrados. Por exemplo, o coeficiente de natalidade brasileira é o mais elevado do mundo, mas, para contrabalançar essa vantagem, temos estamos a bater o recorde mundial de mortalidade infantil. Por um país de 45 milhões de habitantes, o aumento anual de população deveria ser de 2 milhões, entretanto mal atinge 800 mil. Na Capital Federal, na população de 1 milhão, a tuberculose mata, por ano, 235 pessoas para cada mil habitantes, — o que é um recorde americano. Só estão acima do Brasil, a China e a Índia... E convém lembrar o abandono em que vivem as populações rurais que tiram míseros recursos de subsistência pelos processos agrícolas mais atrasados, que datam do tempo do Brasil-Colonial, e que por falta de uma alimentação científica e sem assistência de espécie alguma, são cruelmente dizimadas pelas moléstias endêmicas, cuja luta é um desafio à operosidade e inteligência dos nossos dirigentes. Dizer-se, Dr. Osvaldo, que o saneamento da região do canal do Panamá foi orientado pelos trabalhos de um cientista brasileiro e vendo o descalabrado panorama nacional em matéria de Saúde, temos que reconhecer que a imprevidência, o desleixo e a falta de patriotismo são as leis que nos governam."

E para encobrir o fracasso de nossa administração e o nosso atestado de povo inculto e medroso, aplicamos a terapêutica do ufanismo, espalhando estrondosas mentiras patrióticas: temos o maior rio do mundo, nosso território é riquíssimo e ocupa metade da área da América Meridional, e o Rio de Janeiro é a cidade mais linda do universo."

O grande brasileiro, muito surpreendido, respondeu-me: — "Vou promover uma reunião com os meus inseparáveis amigos Fleming, Gorgas e Reed para estudar uma vasta campanha para sanear o Brasil."

Repliquei então com respeitosa incredulidade: — "A intenção é louvável, mas o esforço será inútil. Veja o que está sucedendo com o Prof. José de Castro. É um cientista talhado para ser um brilhante sucessor das suas realizações. Escreveu dois notáveis tratados sobre alimentação que obtiveram enorme êxito nos círculos científicos do exterior. O nome de José de Castro foi citado diversas vezes na O. N. U., e, indo aos Estados Unidos, esse ilustre brasileiro manteve uma palestra de duas horas com o Presidente Truman e o atual Presidente Eisenhower, por sugestão de seus livros, declarou que um convênio da Rússia com as democracias, na base de uma alimentação racional, faria desaparecer mais da metade das prevenções antagônicas."

Aqui, no Brasil, apesar das referências elogiosas dos jornais e do nome de José de Castro orgulhar muitos brasileiros, os

livros em questão não tiveram a merecida aceitação. A administração não tomou nenhuma medida para debelar os males apontados e nem programou um plano científico de alimentação, que os livros apreciam pelo prisma racional e humano. E esse ilustre cientista é mais uma vez que clama no deserto..."

— "Por Deus! Caro Murillo, não seja tão pessimista! Saúde e alimentação não são problemas insolúveis que entrem o progresso de uma nação. Hoje a medicina tem mais recursos que no meu tempo."

— "Dr. Osvaldo Cruz. A verdade é sempre dura de se ouvir. O Brasil está muito doente. Padece de uma moléstia republicana que tem o nome de caudilhismo. E os germes infecciosos dessa doença são os administradores mesquinhos, os misérrimos políticos e os participantes dos grupos econômicos que dominam o governo, prejudicando o progresso do país. E o Sr., como clínico notável que é, compreenderá melhor que ninguém, que não podemos combater a desonestidade administrativa, as vergonhosas acomodações dos políticos e o egoísmo e as ambições de uma geração superficial e materialista, com vacinas, injeções de penicilina, desinfecções e outros preventivos indicados pela Patologia. E em um país qualquer quando as almas estão gastas e doentes compete ao Senhor dos Mundos aplicar uma terapêutica regeneradora."

O ilustre higienista sorria alegremente, levantando-se para sair. E como insistisse com ele para demostrar mais, explicou-me com bondade:

— "Meu amigo, já é tarde e na imortalidade também dormirei."

Arranquei então o belíssimo exemplar de um cravinho, que minha esposa, zala com carinho, e entreguei-o dizendo:

— "Aceite isso como lembrança de sua visita."

O grande cientista colocou o cravo na lapela, apertou-me a mão e murmurou fazendo um gesto de despedida:

— "Que Deus abençoe o Brasil!"

— "Assim seja!" repeti com emoção e fiquei no portão até desaparecer aquele homem de bela cabeleira branca a que o luar dava um realce original.

Ten. Cel. Murillo Teixeira Barros
Do Centro Cultural "Euclides da Cunha"
18 de Junho de 1955
Ponta Grossa.